ARTE, UMA EXPERIÊNCIA A SER COMPARTILHADA

Maria Imaculada Cavalcante [1]

Resumo:
Ao pesquisarmos a trajetória das artes plásticas na cidade de Catalão, verificamos a grande influência da pintura *naïf* ou primitiva, surpreendendo-nos com um universo de soluções formais resultantes da relação entre o antigo e o novo, a tradição e a contemporaneidade. A valorização da arte *naif* em nossa cidade tem criado um amplo espaço de apoio e estímulo para a divulgação da cultura popular da região.

Résumé:
Lorsqu'on recherche la trajectoire des arts à la ville de Catalão, nous vérifions la grande influence de la peinture *naïf* ou primitive, en nous surprenant avec un univers de solutions formelles résultante de la relation entre l'ancien et le nouveau, la tradition et la contemporanéité. La valorisation de l'art *naïf* en notre ville a créé une ample place dlappui et d'encouragement pour la divulgation de la culture populaire de la région.

Cada criança, cada homem, cada mulher e cada cultura expressam seus ideais e sentimentos por meio da arte, pois ela é a própria essência de tudo o que é humano e, como tal, dá forma às nossas experiências. Quando o homem pôde definir-se, a arte foi seu signo distintivo, nunca deixando de criar artisticamente. No entanto, nos dias de hoje, vivemos em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia e vemos nossa posição, no campo da atividade artística, com uma sensação ao mesmo tempo de orgulho e dúvida, o que nos leva a reconsiderar e repensar os valores em que se fundam nossas vidas. Por isso, faz-se necessário examinarmos com atenção o papel da arte dentro da sociedade e destacar a sua contribuição para o nosso desenvolvimento cultural e pessoal.



Ithamar Rodrigues. Injustiça social. 1998

A complexidade do mundo moderno fez com que o homem se especializasse em determinadas atividades, com isso as disciplinas

[1] Professora Adjunta do Curso de Letras do Campus de Catalão – UFG.

humanas (a arte, a ciência, a filosofia e a técnica) se separaram, em detrimento umas das outras. Esse fenômeno, que caracterizou o século XX, resultou em graves riscos para nós, é como se houvéssemos tentado isolar nossa sensibilidade e nossa alma sonhadora. O sonho e a fantasia cedendo espaço para a realidade e a emoção sendo superada pela razão. Leonardo Da Vinci (1452-1519) viveu em uma época em que uma única pessoa podia abarcar, ao mesmos tempo, as áreas da experiência e da pesquisa. Para ele arte e ciência eram a mesma coisa e a pintura, um método do conhecimento e o "único meio de reproduzir as obras conhecidas da natureza..., uma invenção que, servindo-se de uma especulação sutil e filosófica, estuda todas as propriedades das formas, mares, plantas, animais, ervas, flores, todas as que se encontram encerradas num círculo de luz e de sombra" (Da Vinci apud Lopera e Andrade. 1996:6). Hoje, diante da tentativa de atuarmos em diversas áreas, como fez Da Vinci, sentimo-nos impelidos a contestar essa devoradora ansiedade de conhecimento, pois diante do avanço da ciência e da alta tecnologia, acabamos por nos tornar especialistas em alguma coisa, sem nos arriscamos em atividades diversificadas. Na sociedade moderna ocidental, o homem não pode dar-se ao luxo de se dedicar a diversas áreas do conhecimento.

Na atualidade, a atividade artística tem sido, quase sempre, relegada pela maioria, apenas alguns "loucos" dedicam-se a essa atividade pouco rendosa e de difícil alcance de sucesso. Às vezes, por uma questão de ordem prática, para obter sucesso, o artista se abstém de criar o que sente, deformando a expressão de sua personalidade, para copiar friamente a experiência de outro, tornando sua obra falsa e sem qualquer autenticidade, preferindo abdicar de sua fonte criadora para procurar algo que o coloque em evidência com maior facilidade. O sucesso é um dos grandes mitos de nosso tempo, mas nem sempre é o caminho mais seguro para o aperfeiçoamento. O progresso em arte vem da conquista diária, do estudo árduo, do constante apelo a ultrapassar-se a si mesmo, a renovar-se sempre. Consideremos o artista plástico diante de sua tela ou da folha de papel em branco. Ao escolher uma cor ou preferir uma linha, ele revela ao mundo algo que lhe pertence exclusivamente se faz partilhar naquela forma nova, criada por ele. São suas paixões, seus dramas, suas impressões do mundo, suas inquietações existenciais, o sonho de realização impelindo-o a encontrar-se, penetrando no mistério de sua alma:

> *A arte é um fazer em que se utiliza uma gama muito variada de materiais, como a pedra, o corpo, a voz, na criação de obras relativamente duradouras, como as catedrais, ou breves, como os movimentos de uma dança, dando forma à multiplicidade de experiências e valores humanos, ampliando nossa consciência de nós mesmos, do outro e do mundo. O fazer artístico envolve criação em vários níveis.*(Camargo, 1989:11).

A maioria dos homens não sente a necessidade do artista, mas nada impede que ele viva uma experiência em um dos campos da arte. Apesar de viver em uma civilização materialista, aprisionado à máquina, onde os valores espirituais são, quase sempre, relegados a um segundo plano, o homem moderno vem tentando reencontrar os valores espirituais, pois ele sente que nunca será completo se não tiver sensibilidade, se não tiver se relacionado com alguma atividade artística. A arte pode e deve ser uma experiência a ser vivida e compartilhada por todos, o que não significa que devemos ser pintores, escultores, arquitetos, escritores, compositores... o que se quer dizer é que devemos permitir que a sensibilidade artística, inata em cada um de nós, se expresse e se desenvolva e que, estimulando e educando o ser humano desde a infância, deve-se fazer com que essa sensibilidade se afirme para que surja o ser completo. A experiência artística compreende toda sorte de relações com a arte: a produção estética de criador profissional, do artesão, da criança ou mesmo do leigo, e ainda, a apreciação ativa da arte por parte de um público, que observa, ouve, lê e utiliza com interesse, compreensão e amor as obras de arte.



Lena Rezende. Roda de Congo. 1999

Definir a arte como uma experiência nos leva a cultivar a experiência estética em nossa relação com a vida e ajuda-nos a reconhecer e valorizar as formas expressivas que uma experiência estética nos fornece. Repensar a arte como uma experiência é uma forma de defender a legitimidade da arte, liberada das práticas institucionais, não limitada unicamente a certos padrões tradicionalmente privilegiados. A arte enquanto experiência estética torna-se mais gratificante, pois a atividade artística não é incompatível com as coisas simples da vida e, para ser artista, não é preciso viver de um modo extravagante e original, embora a arte não exclua qualquer experiência. A vivência artística é a realidade de uma vida interior intensamente vivida, onde acontecimentos grandes e pequenos, originais ou rotineiros têm um valor eterno. É indispensável que este mundo interior exista para que haja a criação autêntica. É fundamental que exista uma integração perfeita entre as experiências da vida com o processo criativo.

A mão que traça uma linha e mistura uma cor não estará praticando um gesto vazio de sentido, mas realizando o que a experiência exigiu, de um modo particular e sincero. A escolha das cores e da forma é espontânea e identifica cada artista, traduzindo sua personalidade. Ao escolher uma cor ou preferir uma linha, o homem

revela ao mundo parte de sua vida, alguma coisa que lhe pertence exclusivamente faz-se partilhar na forma criada por ele. São suas paixões, seus dramas, suas primeiras impressões da infância, o despertar para o mundo, as inquietações da adolescência, os sonhos da mocidade e a plenitude da idade madura. É a capacidade humana e natural de poder dar-se a alguém. Tomando como exemplo as palavras de Van Gogh (1853-1890), podemos definir a experiência artística como uma forma de

> *exprimir o amor de dois amantes no casamento de duas cores complementares, sua fusão e oposição, as misteriosas vibrações de tons da mesma ordem. Exprimir o pensamento de uma fronte no esplendor de um tom de luz contra o fundo escuro. Exprimir esperança num punhado de estrelas...* (1991:3)

É exatamente isso que o artista tenta fazer ao expressar-se, utiliza, no caso da pintura, de todo um conjunto de formas e cores para exteriorizar o sentimento e a visão particular de seu mundo. É a emoção de ver tudo o que sente transformado em cor e forma.

Para o artista a arte é como uma religião, mas para nós, leigos, é uma forma de extravasar nossos sentimentos, abrindo espaço para a evasão, tornando nossa vida mais amena e mais bela. Atuando em nossas vidas como instrumento universal e ao mesmo tempo pessoal, a arte serve para proteger e libertar-nos do cotidiano opressor. Por ser a marca que um homem isolado deixa no mundo, transforma-se ao mesmo tempo no símbolo de um grupo e marca de uma época, dando coerência aos fragmentos desconexos da vida moderna. O sentimento global que inspira a arte une os homens e, no momento de criação e fruição, cada um de nós atinge sua plenitude, pois a arte satisfaz as nossas necessidades mais profundas e expressa nossas melhores potencialidades.

Pensando a importância da arte no fazer humano, podemos dizer que na cidade de Catalão a atividade artística encontra-se em estado de construção, em processo de criação, fazendo das artes plásticas, principalmente a pintura, parte integrante de sua vida cultural. A pintura possui um espaço bastante privilegiado, visto que aqui existe um número considerável de artistas plásticos e estudantes de pintura. Temos, na cidade, cinco ateliês de artes plástica, com artistas que ministram aulas de pintura para adolescentes e adultos, que são: O Ateliê Renascer do artista Ithamar Rodrigues, com trinta e seis alunos freqüentes; o de Sérgio Martins com vinte e cinco alunos; o de Robson Antônio de Oliveira com oito; o de Leila Mendes Rodovalho com quatro alunos e, ainda, a Fundação Cultural Maria das Dores Campos, com Helena Ito ministrando aulas de pintura para trinta e cinco alunos. Temos um total de cento e oito alunos de pintura na cidade, o que não é pouco. Podemos dizer que a formação desses alunos é um elemento chave no processo de democratização das artes plásticas em nossa cidade. Esse contingente de alunos expressa o compromisso com que os órgãos culturais vêm

impulsionando o desenvolvimento cultural da cidade, comprometendo-se com a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Em uma primeira análise, penso que a razão de tanto interesse pela pintura encontra-se na constante divulgação da produção dos artistas através de exposições individuais e coletivas de pintura. A Fundação Cultural tem promovido alguns eventos que estão se tornando tradicionais na cidade, como a exposição em maio com a temática *Mulher*, já na sua segunda edição, o *Leilão Beneficente de Pintura* em prol da tradicional festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário, que acontecerá nesse ano pela quarta vez. O curso de Letras do Campus de Catalão – UFG., promoveu por alguns anos o evento *Poesia na rua* onde poetas expressavam sua arte e os artistas iam para a rua pintar diante de um público bastante interessado. A partir daí, tem-se realizado vários eventos de rua onde os artistas são convidados a pintar ao vivo. A Fundação Cultural tem promovido, pelo menos, uma exposição coletiva e, em média, duas individuais por ano. Enfim, a pintura em nossa cidade tem seu espaço garantido com a promoção constante de eventos, arrebanhando um grande número de pessoas interessadas.



Marly Ferreira. Tarde Sertaneja. 1998

Catalão possui uma Academia de Artes, fundada em 22/02/95, com 26 acadêmicos nas suas diversas atividades. Nela nove membros são pintores: Edson Democh com a cadeira de número 1, Odette Fayad Sebba com a de n.° 13, Maria da Glória Rosa Sampaio n.° 20, Leda Moema de Mello Aires n.° 21, Maria da Glória Machado Ito n.° 22, Wanda dos Santos Teixeira n.° 23, Alice Margareti Dullens Santos n.° 24, Ithamar Rodrigues de Oliveira n.° 25 e Benjamin de Lima Filho com a cadeira de n.° 26. Consta no livro de Amaury Menezes (1998), ***Da caverna ao museu: dicionário das artes plástica em Goiás***, onze artistas residentes ou nascidos em Catalão: Alice Dullens Santos, Benjamim de Lima Filho, Edson Democh, Ithamar Rodrigues de Oliveira, Leda Moema de Mello Aires, Madá Prado, Maria da glória Machado Ito, Mariinha (Maria Nogueira Chaud), Marly Ferreira da Silva, Nancy Safatle e Odete Faiad Sebba. Consolidando o nome desses artistas no quadro geral das artes plásticas em Goiás e no Brasil.

Além dos artistas plásticos já mencionados, existem em média trinta e cinco outros que têm participado de exposições de pintura individual e coletiva na cidade e região. Não existe uma associação ou um cadastro desses artistas, por isso não há como precisar o número

exato; porém, consultando alguns convites de exposições realizadas na cidade, chegamos aos seguintes nomes: Carmem Suely, Cleides de Fátima, Cleonice Travagline, Cristina Faria, Deliene Alcantara dos Reis, Eliane Margon, Elizabeth Siqueira de Godoi, Emerson Gonçalves de Oliveira, Fátima Aires, Fátima Marcelino de Paula, Francielle Democh, Gisele Zorzette, Gislene Resende Paschoal Safatle, Jucélia Felício, Laíta Gomes de Oliveira, Leuci Felício Netto, Lúcia Marcelino Meireles, Lucy Evangelista Caixeta, Márcio Júnior Silva, Maria Clarinda Coelho, Maria D'Arcda Silva, Maria das Dores de Souza, Maria Imaculada Cavalcante, Maria Inês Aires Sousa, Maria Magdalena da Silva, Maria do Rosário Paranhos, Marinete Leal Neto, Maurício Abrão, Mércia Netto, Merina Mesquita, Otílio de Paiva, Rosemary Muller Salomão, Silmalene Rezende, Walquíria R. da Silva Goulart. Com esses nomes, chegamos ao número de cinqüenta e um pintores. Parte desses pintores freqüentam um dos ateliês da cidade visando o aprimoramento de seus conhecimentos técnicos. Alguns deles já ganharam algum tipo de premiação, principalmente no concurso anual promovido pelo SESI de Goiás[2].

O mais interessante é que há um número considerável de pintores *naifs* ou primitivos na cidade, alguns já receberam prêmios em concursos nacionais e foram classificados na Bienal de Arte Primitiva da cidade de Piracicaba (São Paulo), uma das mais famosas exposições de arte primitiva do país, que teve a sua primeira edição em 1992 e vem acontecendo a cada dois anos, com a participação de artistas de todo o Brasil e do exterior. Dentre os pintores acima mencionados, chegamos a um total de onze primitivistas, que são: Ithamar Rodrigues de Oliveira, Jucélia Felício, Laíta Gomes de Oliveira, Márcio Júnior Silva, Maria D'Arc da Silva, Maria da Glória Machado Ito, Maria da Glória Rosa Sampaio, Marly Ferreira da Silva, Maria Nogueira Chaud, Sérgio Martins Ferreira, Silmalene Rezende. Dentre eles, foram classificados na Bienal de arte *Naif*, SESC de Piracicaba: Maria D'Arc, Maria da Glória Machado Ito e Maria da Glória Rosa Sampaio em 1994; em 1996, Maria D'arc e Marly Ferreira receberam prêmio Aquisição e Sérgio Martins foi classificado; Ithamar Rodrigues, Marly Ferreira e Sérgio Martins foram classificados na bienal de 1998. Além desse artistas existem outros que passaram pelo primitivismo em algum momento de suas carreiras. Os números acima esboçam o potencial criativo gerado em torno da arte ingênua em Catalão. Entretanto, devemos reconhecer que nem tudo o que se tem criado ou produzido possui o mesmo peso, a mesma riqueza ou os mesmos predicados qualitativos.

Essa preferência pelo primitivismo talvez sofra influência do pintor *naif* Ithamar Rodrigues, professor de pintura há vários anos. E também por ser uma arte que se caracteriza pela simplicidade. O cotidiano, a religião, as festas regionais e folclóricas, a natureza e as brincadeiras transformam-se em imagens reveladoras do universo

[2] Não consegui datas precisas, mas segundo informação do Professor Ithamar Rodrigues, de seus alunos, Maria Inês Aires Sousa, Maurício Abrão e Silmalene Rezende já foram premiados nesse concurso.

criativo dos Artistas primitivos. A invenção e a espontaneidade são as características básicas da arte ingênua, levando as pessoas, com um certo talento para a pintura, a enveredarem por esse caminho, visto que ela não se prende a fórmulas pré-estabelecidas. Evidentemente, não se trata de primariedade ou precariedade da arte, ao contrário, há necessidade de técnica, de criatividade; contudo, há liberdade e autonomia no pintor primitivo que produz uma arte rica em detalhes, variada na temática e vibrante nas cores, tornando-a encantadora aos olhos de qualquer observador.



Edson Democh. Anjos na Festa do Rosário. 1999

Os pintores *naifs* ou primitivos são também chamados de folclóricos ou ingênuos. O termo deriva do latim *nativus*, e significa original, natural, inato. A ingenuidade é a chave de todo o fenômeno, por ser uma pintura simples que fala diretamente a nossa sensibilidade. A pintura primitiva é caracterizada pela pureza das cores chapadas e puras, com uma composição rudimentar e desenho sem perspectiva e sem muita complicação estética. Os temas se prendem a vivências dos artista, à tradição, com um caráter regionalista e nacionalista. É por essência uma arte popular. O artista *naïf* ou primitivo é geralmente um autodidata que se expressa plasticamente de maneira instintiva, espontânea e original. Não se prende a conceitos, deixando sua sensibilidade aflorar naturalmente. As suas emoções e experiências de vida são registradas de forma marcante e peculiar. Não temos qualquer dúvida em afirmar que a riqueza e a evolução da arte primitiva constitui um fator evidente em nossa cidade.

Resgatando o processo de valorização e difusão da arte primitiva no Brasil, pode-se dizer que ela foi levada à serio pela crítica e pelos colecionadores a partir de1951, ano da primeira Bienal Internacional da cidade de São Paulo, em que o carioca Heitor dos Prazeres (1896-1966), um sambista que também pintava, conquistou uma das premiações, surpreendendo a todos pela linguagem autêntica de sua pintura, num evento que visava apresentar ao país as tendências contemporâneas da arte. Para Andrade (1996:97), foi com a premiação de Heitor que se começou a discutir a sério, no Brasil, o fenômeno da pintura *naïf*, num momento em que acontecia grandes transformações da arte em todo o mundo. Com o passar dos anos, as bienais de São Paulo deixaram de prestigiar a nossa arte primitiva, voltando-se para as pesquisas da arte, mais de acordo com a sua filosofia de atuação. O mesmo acontecendo com a crítica especializada que, com algumas exceções, pouco tem estudado essa tendência tão expressiva no país.

Atualmente, um dos maiores eventos de arte primitiva é promovido pelo SESC de Piracicaba, a *Bienal de Arte Ingênua e Primitiva – Naïfs do Brasil.*

A pintura *naïf* ou primitiva se impõe por sua autenticidade, sendo uma síntese entre a cultura popular e a visualidade urbana brasileira. A apropriação de símbolos e mitos da cultura popular rural e urbana é recuperada pelos artistas. Apesar de sua aparente ingenuidade, não esconde, tanto na percepção espacial quanto na desenvoltura da cor, um entendimento sutil do mundo e uma compreensão perspicaz do universo pictural. Pintura vigorosa, rica de colorido, traduz o imaginário do povo, não apenas os aspectos prosaicos, descritivos, simbólicos, mas também o caráter mitológico do inconsciente, assim, o ideário regional é revitalizado pelos primitivistas. Em Catalão a temática preferida dos pintores primitivos é a Congada e temas referentes à festa em louvor à Nossa senhora do Rosário, por representar a maior manifestação folclórica da cidade, outro tema bastante usado é o famoso Morro da Saudade, ou o Morrinho de São João, cartão postal da cidade, representado e estilizado em quase todos os trabalhos dos artistas.

Insubmissa a tendências, escolas e modelos, a arte primitiva cumpre um papel especial de apreensão da realidade: primitiva mas não primária, popular porém jamais prosaica. Gauguin (1848-1903), enquanto pintor impressionista, estudou o primitivismo na arte moderna, tomando-a como base natural para a formulação do espaço artístico onde pudesse integrar a sensação e o pensamento na visão total do homem. Os *Fauvistas* procuraram o elegíaco fora do critério clássico e a formulação plástica onde predominava o bom senso na combinação de cores. As conexões da arte contemporânea com a primitiva são as mais diversas e podem atuar como expansão das possibilidades da criação, enquanto jogo simbólico e mítico. Na arte das cavernas, a figura e o sinal traduzem e embalam o caráter simbolizador do pensamento. Forças ocultas instintivas, operando além da compreensão humana, corporificam o mistério da experiência cotidiana no traço plano de projeção frontal ou em perfis na pedra, com a simplicidade do risco infantil.

O artista primitivo ou *naïf* contemporâneo, que elabora alguns desses princípios, processa uma boa escuta do mundo em que vive como versão contaminada pelo ato inalgural do saber humano. É tal a independência da arte primitiva que a história da arte não a catalogou em um período cronológico específico. Existiu e sempre existirá. Se a arte moderna se distanciou do homem comum ao se tornar abstração pura e puro conceito, a arte primitiva conserva um caráter de "realidade vivida" que facilita ao observador, a evasão. Este sente-se em pleno domínio dos processos de conhecimento ao compreender a excelência de alguma representação do real, processada criativa e poeticamente.

Mesmo dominando a técnica, as pretensões intelectuais desses artistas são quase inexistentes. O que eles pretendem, a grosso modo, é narrar uma história, reviver um momento ou eternizar situações e fatos

do cotidiano que lhes tocam o sentimento, a arte para eles faz parte do fluxo da vida, é mais um respirar natural que uma atitude de exceção. O surgimento de artistas *naïfs* de valor e o interesse despertado pela sua arte fez com que muitos artistas com formação acadêmica se sentissem atraídos e se identificassem com o estilo ingênuo, procurando soluções que incluíam tratamento e acabamento mais refinado. A ausência de originalidade, a imitação, a repetição, o interesse comercial imediato, por parte de pintores que não são espontâneos, têm provocado a descaracterização desse gênero, transformando-o em arte convencional.



Maria D'Arc da Silva. Brincadeira de Criança. 1996

Partindo de elementos populares, a pintura *naïf* tem se desdobrado em construções elaboradas, próximas às composições contemporâneas. O raciocínio espacial, a intensidade da cor e o ludismo leva o pintor a composições esquemáticas, comuns a todos os povos desde o período neolítico. A criação de uma iconografia figurativa e a utilização de uma perspectiva não convencional determinam a ocupação compositiva do quadro. As metáforas visuais procuram construir um referencial de acesso ao imaginário. Um universo de soluções formais resultantes da relação entre o antigo e o novo, a tradição e a contemporaneidade. A arte *naïf* apresenta novas formas de apreender os mistérios da vida, com extrema beleza e espontaneidade.

Em Catalão, a arte primitiva tem cumprido o papel de divulgar a cultura popular da região. Além da Congada e da festa de Nossa Senhora do Rosário, são abordados outros temas como: festa junina, festa de Reis, brincadeiras infantis, paisagens locais e ainda a vida, afazeres e paisagens rural e urbana. Claro que a maioria desses temas aparecem em obras de outros pintores primitivos, mas a cor local e o estilo de cada artista definem a qualidade de nossos pintores.

O interesse pela pintura em Catalão reveste-se de particular importância, visto que aqui essa atividade artística se amplia para todos os segmentos da sociedade, não se restringindo a pequenos círculos, ao contrário, ela destina-se a penetrar intensamente no cotidiano de todas as pessoas. A valorização da pintura em nossa cidade abre um amplo espaço de apoio e estímulo, multiplicando iniciativas voltadas à divulgação desta que constitui uma das vertentes mais fecundas e cativantes das artes plásticas em nossa cidade.

Fontes e Referências Bibliográficas

ANDRADE, Edson de Andrade. A pintura *naïf*: o fazer e o sentir. In: *Bienal Naïfs do Brasil*, São Paulo: SESC, 1996, p. 96-97.

BIENAL BRASILEIRA DE ARTE *NAÏF*, 1994, Piracicaba. São Paulo: SESC, 1994. Catálogo de Exposição.

BIENAL *NAÏFS* DO BRASIL, 1996, Piracicaba. São Paulo: SESC, 1996. 100p. Catálogo de exposição.

BIENAL *NAÏFS* DO BRASIL, 1998, Piracicaba. São Paulo: SESC, 1998. 112p. Catálogo de Exposição.

BIENAL *NAÏFS* DO BRASIL, 2000, Piracicaba. São Paulo: SESC, 2000. 150p. Catálogo de Exposição

CAMARGO, Luís. Sobre Arte-Educação. In: CAMARGO, Luís (Org.). *Arte-Educação da Pré-Escola à Universidade*. São Paulo: Nobel, 1989.

DULLENS, A. et al. *I Exposição Oficial de Artes Plásticas de Catalão "Odete Fayad Sebba"*. Catalão: Palácio da Justiça Frederico Campos, 1996. Convite.

_____, et al. *Noite cultural Célia Câmara*. Catalão: Centro de Folclore de Catalão, 1999. Catálogo de Esposição.

_____, et al. *Vernissage e Shows com Artistas Catalanos. Fundação Cultural Maria das Dores Campos*. Catalão: Fundação Cultural Maria das Dores Campos, 2.001. Convite.

GAUGUIN, Paul. *Gauguin*. São Paulo: Globo,1991. Os Impressionistas.

LOPERA, José Alvarez & ANDRADE, José Manuel Pita. *História geral da arte. Pintura II*. Prado: Ediciones del Prado, 1996.

MATISSE, Henri. *Matisse e os fovistas*. São Paulo: Globo, 1990. Coleção de Arte.

MENEZES, Amaury. *Da caverna ao museu: Dicionário das artes plásticas em Goiás*. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

RODRIGUES, I. et al. *3ª Coletiva de Pintura. Atelier Renascer*. Catalão: Taberna do Chopp, 1995. Convite.

SEBBA, O. F. et al. *Noite Cultural Odette Fayad Sebba. Tradição, arte e solidariedade em louvor à Nossa Senhora do Rosário*. Catalão: Salão Nobre do Núcleo Educativo, 2.001. Convite.

VAN GOGH, Vincente. *Van Gogh*. São Paulo: Globo, 1991. Os Impressionistas.